UM EDUCADOR QUASE CENTENÁRIO E SUA VISÃO SOBRE COVID-19

Sou o Professor Divaldo de Araújo Melo, nascido em 30 de abril de 1927, portanto tenho 93 anos já completados. Sou graduado em Pedagogia, com ênfase em Administração Escolar e Pós-graduado em Psicologia Ao longo de minha vida profissional desempenhei as seguintes atividades escolar: Professor no Colégio Sagrada Família por 14 anos. Em 1975 a convite de Irmã Jacintha Maria assumi a Direção do Colégio Santíssimo Sacramento como Professor e Diretor por 4 anos e com a mudança estatutária, no mesmo colégio, como Coordenador do Turno Vespertino por mais 16 anos. Perfazendo, portanto vinte anos Coordenador do antigo Segundo Grau do Colégio Batista Alagoano por 1 ano. Diretor da Escola Teotônio Vilela no CEAGB por 10 anos. Na Fundação Educacional Jayme de Altavila CESMAC: Professor dos Cursos de História e Estudos Sociais da antiga FACIMA por 20 anos. Professor do Curso de Direito da FACIMA por 10 anos. No Curso de Psicologia exerci as seguintes funções: Cinco anos como Professor, Oito anos como Professor e Chefe de Departamento, Doze anos como Coordenador e Vice-Diretor. Deixando a Coordenação do Curso de Psicologia continuei como Vice-Diretor por mais Oito anos Deixando a Vice Direção por mudança Regimental, passei a exercer a função de Assessor Especial da Pró Reitoria Acadêmica por Três anos, perfazendo um total de 36 anos de trabalho, quando fui simplesmente despedido;

A visão como educador que tenho sobre a COVID-19 pode ser analisada em três partes: PRIMEIRA, como cidadão , vendo que as autoridades brasileira não deram o devido tratamento que a pandemia exige pois a população não foi conscientizada do perigo eminente que estava ocorrendo em vários países Não houve preparação no tocante a pessoal humano especializado como médicos , enfermeiros, assistente social, psicólogos , nem ambulâncias, hospitais de emergência e locais preparados para isolamento Exemplo. Na China em menos de 10 dias construíram um hospital com capacidade para 1000 leitos No Rio de Janeiro já são quase 2 meses e dos 8 contratados só um foi entregue e assim mesmo pela metade; SEGUNDA a juventude estudantil brasileira foi tratada com displicência, pois não houve um plano emergencial para isolar essa população do contágio, devida a aglomeração nas escolas

E nem uma preocupação, no tocante ao funcionamento e execução do plano estudantil. O MEC ficou à deriva sem dar notícias de como se devia proceder. As escolas sem quase ou nenhum preparo e recurso técnico, para atender o alunado ilhado em suas casas as famílias, parte integram-te do processo educativo, sofrendo pressão psicológica tanto por parte dos filhos como da escola. Cobrando uma

participação, quando ela própria não era capaz de gerir o problema. Surgiu então a figura do engodo do faz de conta. Aulas a distância para alunos que em grande parte não dispõem de recursos técnicos em suas casas. Professores im proviscando material escolar, mas não sabendo com o usar. Querendo do aluno a sua presença, sem, contudo, promover a integração através da motivação e da liderança (O professor dificilmente é visto como líder). Depois de dias de incerteza o MEC diz para contar como dia letivo, o tempo gasto com aulas a distância. Que Aulas? As escolas querendo pagamento do que não realizou, mas, têm um contrato, os pais sem recursos por terem perdido ou diminuído o salário, os professores por serem empregados desejam pagamento aí criam uma lei para devolução de trinta por cento da mensalidade, jogando as famílias contra a escola. Se não bastasse todo esse despreparo para atender a EDUCAÇÂO, não souberam estabelecer prazos razoáveis para a volta escolar e editam Leis com validade de dez dias, gerando uma incerteza e ao mesmo tempo uma falta de confiança nas informações. A pergunta maior é como pode haver uma volta às escolas, onde o número de alunos é sempre elevado e antes que se tenha uma certeza do controle da epidemia, provocando dessa forma uma contaminação generalizada. Os países que viveram essa experiência, o primeiro passo dado foi o de suspender as aulas, sem determinar data de regresso as atividades escolares.

TERCEIRA Surge então a figura indispensável no processo político brasileiro, a Corrupção, O Congresso aprovando recursos financeiros para os estados, sem designar as fontes de recursos. Milhões de cada vez, totalizando já, mais de oitenta bilhões, os governantes dos estados superfaturando as compras, quando não existentes. Eis assim, um retrato apenas três por quatro da nossa calamitosa situação.

Professor Divaldo, de Araújo Melo